

O SAGRADO NA RUA: CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE EM SANTOS DE CASA

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelo

Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0002-5472-8879>

Luiz Antonio Simas, em *Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia* (Bazar do Tempo, 2022), desvela um Brasil profundo, onde o sagrado e o profano se entrelaçam em uma arquitetura de gestos, palavras, cheiros, sabores e vozes. O livro não se apresenta como um inventário frio de santos ou um catálogo de devoções, mas como uma travessia pelo território movediço das crenças populares, onde a fé não é dogma, mas invenção cotidiana. Simas, com sua escrita que pulsa ao ritmo das ruas, dos terreiros, das cozinhas e das festas, constrói uma obra que desafia classificações fáceis e exige do leitor um olhar atento para as múltiplas camadas do cotidiano brasileiro.

A religiosidade popular, tal como se apresenta nas páginas de Simas, é menos um sistema coeso e mais uma colcha de retalhos, costurada ao longo de séculos por mãos indígenas, africanas e europeias. O catolicismo que aportou no Brasil, longe de permanecer intacto, foi sendo devorado, digerido e reinventado por um povo que, diante das adversidades, fez da fé um instrumento de sobrevivência, resistência e alegria. O autor não se limita a narrar milagres ou a descrever procissões; ele mergulha no universo das festas de rua, das simpatias, das promessas e das pequenas transgressões que fazem da religiosidade brasileira um fenômeno vivo, em constante transformação.

O texto de Simas é atravessado por uma poética que se alimenta da oralidade e da experiência sensível. Não há, em sua escrita, a pretensão de distanciamento científico; ao contrário, o autor se coloca como parte do universo que descreve, assumindo o risco e o encanto de falar de dentro. A cada capítulo, o leitor é convidado a percorrer os labirintos da fé popular, onde santos ganham nomes de parentes, festas se transformam em arenas de disputas simbólicas e orações se misturam a receitas, conselhos e ditados. O sagrado, longe de ser monopólio dos templos, se espalha pelas esquinas, pelos bares, pelas casas e pelos terreiros, tornando-se presença constante na vida de quem acredita – e também de quem duvida.

A abordagem de Simas é, acima de tudo, multidisciplinar. História, antropologia, literatura e estudos culturais se entrelaçam em uma narrativa que recusa fronteiras rígidas. O autor não se contenta em descrever práticas religiosas; ele busca compreender como essas práticas se constituem em espaços de invenção de sentidos, de construção de identidades e de resistência cultural. O cristianismo que floresce no Brasil, resultado de séculos de encontros e desencontros, revela-se profundamente mestiço: incorpora elementos indígenas, africanos e europeus, criando uma religiosidade que desafia qualquer tentativa de classificação definitiva. Nesse processo, santos católicos convivem com entidades de matriz africana, festas religiosas se misturam a rituais profanos, e a fé se faz presente tanto nas grandes celebrações quanto nos gestos mais íntimos.

O livro é estruturado em capítulos que exploram diferentes manifestações da religiosidade popular, desde as festas juninas até as novenas, procissões, simpatias e crendices. Cada capítulo é uma janela aberta para um universo de práticas e significados, onde o sagrado se reinventa a cada dia. Simas não se limita a descrever essas práticas; ele investiga como elas funcionam como estratégias de sobrevivência simbólica, como formas de resistência diante das adversidades e como espaços de negociação de identidades. O que emerge desse percurso é uma visão da religiosidade popular como campo de tensões, onde o sagrado é constantemente deslocado, reinterpretado e ressignificado.

O olhar de Simas é generoso, mas não ingênuo. Ele reconhece as ambiguidades e contradições da religiosidade popular, sem idealizá-la ou condená-la. Ao narrar as festas, as promessas, os milagres e as pequenas heresias do cotidiano, o autor revela um Brasil marcado pela criatividade, pela ironia e pela capacidade de rir de si mesmo. A fé, nesse contexto, não é apenas refúgio ou consolo, mas também espaço de invenção, de transgressão e de festa. O sagrado, longe de ser monolítico, é plural, ambíguo e, por vezes, subversivo.

A escrita de Simas é marcada por uma linguagem acessível, mas nunca simplista. Ele articula erudição e coloquialidade, rigor analítico e afeto, compondo um texto que informa, encanta e provoca. O autor não se coloca acima do objeto que analisa, mais se insere nele, tornando sua narrativa um gesto de pertencimento e escuta. O resultado é um livro que não apenas descreve práticas religiosas, mas também convida o leitor a repensar o próprio conceito de religiosidade, a partir da experiência concreta dos sujeitos que a vivem.

O diálogo com a tradição dos estudos sobre religiosidade popular é evidente ao longo da obra. Simas dialoga com a antropologia clássica, mas também com a história cultural contemporânea, sem se prender a modelos ou paradigmas fixos.

O que interessa ao autor não é a busca por uma essência da religiosidade brasileira, mas a compreensão de seus múltiplos modos de existência. A fé, para Simas, é menos um conjunto de crenças e mais uma prática social, uma experiência compartilhada que se reinventa a cada geração.

O livro se destaca também por sua atenção aos detalhes do cotidiano. Simas descreve com precisão as comidas, as músicas, os gestos e as palavras que compõem o universo das festas e das devoções populares. Ele mostra como o sagrado se faz presente nos cheiros da cozinha, nos sabores das comidas de santo, nas danças e nos cânticos que animam as celebrações. O autor revela, assim, que a religiosidade popular não se limita ao âmbito do espírito, mas envolve o corpo, os sentidos, a memória e a imaginação.

A dimensão política da religiosidade popular também está presente na obra. Simas mostra como as festas, as procissões e as devoções funcionam como espaços de negociação de poder, de afirmação de identidades e de resistência diante das tentativas de controle e normatização por parte das elites religiosas e políticas. O sagrado popular, longe de ser apolítico, é profundamente marcado pelas disputas em torno do sentido, da autoridade e da legitimidade. O autor evidencia como as práticas religiosas populares desafiam as hierarquias e os discursos oficiais, criando espaços de autonomia e de invenção coletiva.

Ao longo do livro, Simas recorre a uma vasta gama de exemplos concretos, que ilustram a riqueza e a complexidade das manifestações religiosas populares. Ele narra histórias de santos que se confundem com personagens do folclore, de festas que misturam elementos católicos e afro-brasileiros, de simpatias que circulam entre diferentes camadas sociais. O autor mostra como a religiosidade popular é, ao mesmo tempo, tradição e invenção, continuidade e ruptura, memória e criação.

A obra de Simas convida o leitor a repensar o lugar do sagrado na sociedade brasileira. Ao revelar a presença constante do sagrado no cotidiano, o autor desafia a ideia de que a modernidade teria expulsado a fé do espaço público. Pelo contrário, ele mostra como a religiosidade popular se reinventa diante das transformações sociais, adaptando-se às novas condições e criando formas inéditas de expressão. O sagrado, nesse contexto, não é resíduo do passado, mas força ativa, capaz de animar festas, mobilizar pessoas e reinventar sentidos.

O livro também propõe uma reflexão sobre o papel da memória na construção da religiosidade popular. Simas mostra como as festas, as devoções e as simpatias funcionam como dispositivos de transmissão de saberes, de valores e de identidades. A memória, nesse contexto, não é apenas lembrança do que passou,

mas força criadora, capaz de atualizar e reinventar tradições. O autor revela como a religiosidade popular é, ao mesmo tempo, herança e invenção, continuidade e mudança.

A dimensão estética da religiosidade popular é outro aspecto explorado por Simas. Ele descreve com sensibilidade as cores, os sons, os sabores e os gestos que compõem o universo das festas e das devoções. O autor mostra como o sagrado se manifesta não apenas nas palavras, mas também nos corpos, nas danças, nas comidas e nos objetos. A religiosidade popular, nesse sentido, é uma experiência sensorial, que envolve todos os sentidos e mobiliza a imaginação.

O livro de Simas se destaca, ainda, por sua capacidade de dialogar com diferentes públicos. Ele escreve para o leitor acadêmico, interessado em questões teóricas e metodológicas, mas também para o leitor comum, que se reconhece nas histórias, nas festas e nas devoções descritas. O autor consegue, assim, articular rigor analítico e sensibilidade narrativa, compondo uma obra que é, ao mesmo tempo, estudo e celebração.

A crítica que se pode fazer à obra talvez resida justamente em seu encantamento diante da religiosidade popular. Por vezes, Simas parece ceder à tentação de idealizar o universo que descreve, deixando em segundo plano as tensões, os conflitos e as exclusões que também marcam o campo religioso brasileiro. No entanto, essa escolha narrativa pode ser compreendida como um gesto político, uma afirmação da potência criadora do povo diante das adversidades.

Santos de casa é, em última análise, um convite à escuta. Simas nos convida a ouvir as vozes que ecoam nas festas, nas rezas, nas simpatias e nas histórias de cada dia. Ele nos lembra que a religiosidade popular é, antes de tudo, experiência compartilhada, invenção coletiva, força de resistência e de alegria. O livro é uma celebração da vida em sua pluralidade, uma afirmação da capacidade do povo brasileiro de reinventar o sagrado a cada dia.

A obra de Simas se insere, assim, no debate contemporâneo sobre a cultura popular, a religiosidade e a construção das identidades no Brasil. Ao revelar a vitalidade e a complexidade das práticas religiosas populares, o autor desafia os discursos que tentam reduzir a religiosidade a superstição, atraso ou alienação. Ele mostra que a fé popular é, antes de tudo, prática social, experiência sensível, invenção de sentido e afirmação de vida.

O livro é, portanto, leitura fundamental para quem deseja compreender o Brasil em sua pluralidade, em suas contradições e em sua capacidade de reinventar o sagrado. Simas nos oferece um retrato vivo da religiosidade popular, marcado pela criatividade, pela resistência e pela alegria. Sua escrita, ao mesmo tempo ri-

gorosa e sensível, nos convida a repensar o lugar do sagrado em nossas vidas e em nossa história.

Ao final da leitura, fica a sensação de que o sagrado, no Brasil, não é apenas objeto de estudo, mas experiência vivida, força criadora e espaço de invenção coletiva. *Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia* é, assim, mais do que um livro sobre santos ou festas; é uma celebração da capacidade humana de criar sentido, de reinventar tradições e de afirmar a vida diante das adversidades. Simas nos oferece, com sua prosa vibrante e generosa, um convite à escuta, à celebração e à reinvenção do sagrado em cada gesto, em cada festa, em cada dia.

REFERÊNCIAS

SIMAS, Luiz Antonio. **Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia**. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2022.